

Momento Fundador

O Brasil esteve por todo o dia de ontem profundamente unido em torno das cerimônias fúnebres do Presidente Tancredo Neves — que prosseguem até amanhã. O Presidente recebeu, morto, a manifestação que poderia ter recebido no dia da posse — ou talvez maior. O que está acontecendo na esteira dos despojos de Tancredo Neves lembra o enterro de um Gandhi, de um fundador de nações — e quase se pode ter certeza de que algo de novo surgiu no Brasil em consequência do sacrifício do seu Presidente; uma energia pacífica mas ininterrupta que espalhou-se pelas ruas, pelas praças; que humanizou, como que por milagre, a própria cidade de Brasília, na sua arquitetura geométrica.

Essa força contida, que agora se mostra tão emocionada, já começara a rolar pelo Brasil durante a campanha pelas diretas. O povo brasileiro mostrava-se maduro para um novo tempo. Foi nesse clima de renovação cívica que Tancredo Neves cresceu até as dimensões quase proféticas de agora. Como líder verdadeiro, ele percebeu as necessidades da hora. Sabia que as “diretas” tinham poucas oportunidades de vitória. Caracterizada sua inviabilidade, preparou-se — sem pressa e sem hesitação — para a etapa seguinte. E nesse passo manso de mineiro, foi atraindo no seu rumo grupo após grupo, até construir um estuário político que este país nunca tinha conhecido.

De que forma ele conseguiu aproximar tanto os contrários? Talvez mostrando-se como uma síntese do caráter nacional — o brasileiro médio, nem alto nem baixo, nem rústico nem sofisticado em excesso, nem elegante nem deslegante.

O povo ansiava pelo fim de um período; mas o brasileiro não gosta das soluções inopinadas ou violentas. Tancredo oferecia uma alternativa, por dentro do Colégio Eleitoral — o que implicava a vitória sobre a ruidosa candidatura adversária. O povo o entendeu; e ficou quieto, esperando.

O regime moribundo também entendeu que aquela era a ponte de saída para os seus impasses — impasses de regime autoritário, que não costumam ter solução pacífica.

Mas esta soma de circunstâncias não basta para explicar o milagre do homem — milagre “terminal” que vimos crescer e realizar-se a nossos olhos. O amadurecimento final do político Tancredo Neves reconciliou o povo com a política — e com os próprios símbolos da nacionalidade (a bandeira, o hino, o verde-amarelo), que anos de “educação moral e cívica” não

tinham conseguido reabilitar do contágio do autoritarismo.

Sua postura não era arrogante ou dogmática: ele dizia coisas profundas com um ar casual ou bem-humorado. Não era “oposição”: colocou-se além da oposição, plantando suas tendas no terreno novo que surgia com o afundamento do “antigo regime”. Não atacava pessoas: caracterizava situações insustentáveis. Sem recorrer à ideologia ou à ciência política, definiu com tal propriedade as carências e perspectivas nacionais, que quase balizou os rumos da política pelos próximos lustros. Ante esta essência de brasilidade e de sabedoria, vai ser difícil propor outros rumos — sobretudo os que possuem conotações radicais.

A soma de tudo isso criou o “homem significativo”, a figura humana que — como Gandhi — se transforma num símbolo, sem constranger o futuro da nação. Tancredo acabou maior do que ele mesmo, verdadeira convergência das aspirações nacionais.

Seria impróprio e injusto dizer que sua obra ficou “inacabada”. A obra de Tancredo vivo seria uma; a que sua morte coroou tem um sentido simbólico que a outra não possuiria em grau tão forte. Aristóteles definiu o sentido libertador da tragédia — a catarse. Enquanto presa aos fatos do dia a dia, a existência dos indivíduos ou das nações move-se em círculos prosaicos, onde o egoísmo ou o conformismo tomam às vezes a dianteira.

A dor intensa rompe esses limites; obriga os homens ou as coletividades a irem fundo dentro de si mesmos, a olharem mais longe e com mais argúcia.

É esse alargamento de vistas que o exemplo de Tancredo Neves oferece à nação brasileira. Mais que isso: ele nos reconcilia com a nossa gente, com a nossa realidade. O país pôde ver-se em Tancredo como num espelho mágico. Enxergou os seus vícios e as suas qualidades. Redescobriu-se a si mesmo. Ninguém conseguira fazer isso nos tempos modernos, neste lado do mundo.

É a gratidão por essa obra que leva o povo a espriar-se pelas avenidas, a seguir compungido e ao mesmo tempo transfigurado um cortejo fúnebre. Virou-se uma página. Fundou-se, no Brasil, algo de realmente grande, algo de nunca visto até agora. Resta-nos trabalhar para que essas sementes abundantemente espalhadas por Tancredo Neves constituam o elemento germinal da Nova República — uma República digna da grande visão do Presidente falecido.